

A INTERPRETAÇÃO DE TROTSKY SOBRE O ESTALINISMO¹

Perry Anderson²

RESUMO: Este artigo foi, originalmente, uma palestra de Perry Anderson proferida em Paris, em 1982 e trata da interpretação de Trotsky sobre o significado histórico do estalinismo. O autor defende que é a mais coerente e desenvolvida teorização do fenômeno dentro da tradição marxista, construída em momento de lutas políticas contrárias a isso. Desse modo, seu pensamento estava envolvido numa tensão com os maiores conflitos e eventos daquele momento histórico. O texto divide o pensamento trotskista em três diferentes fases.

Palavras-chave: Trotsky. Estalinismo. Socialismo.

A interpretação de Trotsky do significado histórico do Estalinismo até os dias de hoje a mais coerente e desenvolvida teorização do fenômeno dentro da tradição marxista, foi construída no curso de vinte anos de lutas práticas políticas contrárias a isso. Desse modo, seu pensamento estava envolvido numa tensão com os maiores conflitos e eventos destes anos, e pode ser convenientemente periodizado em três essenciais fases³.

Os escritos iniciais de Trotsky sobre o assunto datam da luta interna do partido que eclodiu no PCUS após a Guerra Civil. Não se citava Estalinismo como tal. Seu foco era o que a tradição do partido chamava “burocratismo”. O *Novo Curso* (1923), é a chave textual deste período. Nele, Trotsky assumiu dois dos maiores termos do que tinha sido a explicação de Lênin sobre isso, desde antes de sua morte. O Burocratismo, Lênin argumentou, estava enraizado na *falta de cultura* das massas russas, rurais ou urbanas, privadas das aptidões necessárias para a competente administração do pós-guerra, na pequena produção e no caráter subsistente da *economia agrária*, cuja imensa dispersão dos produtores primários inevitavelmente rendeu um excesso de centralização do aparato

¹ Artigo original: “*Trotsky's Interpretation of Stalinism*”, Perry Anderson, publicado na *New Left Review* I/139, May-June, 1983. Traduzido do original (inglês) por Rodrigo Ismael Francisco Maia; Mestre em Ciências Políticas e Relações Internacionais. Doutorando em Ciências Políticas pela Brunel University London (Bolsista Capes DPE).

² Historiador inglês. Professor de História e Sociologia na UCLA – Universidade da Califórnia Los Angeles. Editor da Revista *New Left Review*.

³ Texto de uma palestra dada em Paris, em 1982.

<https://doi.org/10.36311/0102-5864.2016.v53n1.03.p23>

estatal na Rússia. Trotsky juntou uma terceira causa – a inevitável contradição entre os interesses imediatos e os de longo prazo da classe trabalhadora, entre a grande escassez e as extremas exigências de construção do pós-guerra. Mais significativo, contudo, ele insiste que o burocratismo não era “apenas o conjunto dos maus hábitos dos burocratas”, mas representava “um fenômeno social – um definitivo sistema de administração dos homens e das coisas”⁴. O locus principal deste fenômeno era o aparato de estado, mas este – por absorver uma enorme quantidade de elementos mais ativos do partido⁵ – estava infectando o próprio partido Bolchevique. A expressão desta contaminação era o aumento da dominação do aparato central dentro do partido, operando através do sistema de nomeações, repressão dos debates democráticos e dividindo a Velha Guarda dos soldados e da nova geração. Este desenvolvimento colocou o perigo da “degeneração burocrática”⁶ da própria Velha Guarda. O burocratismo foi, portanto – aqui Trotsky claramente quebrou além das análises de Lênin – “não a sobrevivência de algum regime anterior, a sobrevivência no processo de desaparecimento; pelo contrário, isto era essencialmente um fenômeno novo, decorrente das novas tarefas, das novas funções, das novas dificuldades e dos novos erros do partido”⁷.

Derrota da Oposição de Esquerda

O Novo Curso alertou os perigos do burocratismo antes da vitória do grupo de Stálin no PCUS. Após a consumação desta vitória, os escritos de oposição de Trotsky, depois de 1920, foram uma tentativa de fornecer uma explicação mais abrangente do fenômeno. *A Terceira Internacional depois de Lênin* (1928) é provavelmente o texto mais importante para sua visão nessa fase intermediária de seu pensamento. Aí, ele atribuiu a derrota da Oposição de Esquerda na Rússia, que selou o triunfo da burocracia interna do regime, à *desaceleração da luta de classes internacional*: principalmente os desastres alcançados pela Revolução Alemã em 1923 e a Revolução Chinesa em 1927, respectivamente os flancos ocidental e oriental da URSS. O deslocamento no equilíbrio mundial das forças de classe em benefício do capital era a inevitável mudança em direção ao aumento das pressões sociais externas no próprio partido Bolchevique, na Rússia. Estes eram, por sua vez, agravados pelos fracassos da facção stalinista para prosseguir a rápida industrialização estipulada na URSS, que poderia ter fortalecido o peso de compensação do proletariado soviético. Depois dos efeitos do Primeiro Plano Quinquenal terem se tornado visíveis, Trotsky modificou esta afirmação para dizer que a nova “aristocracia do trabalho” criada pelo Stacanovismo, acima da

⁴ *The New Course*, Ann Arbour 1965, p.45

⁵ *Ibid*, p. 45.

⁶ *Ibid*, p. 22.

⁷ *Ibid*, p. 24.

massa da classe trabalhadora, objetivamente funcionou como a base do regime burocrático do partido. A própria facção de Stálin que tinha obtido sua vitória sobre o slogan social-patriótico do Socialismo num só País, Trotsky ainda a caracterizava como Centro, posicionada entre a direita do partido (Bukarin – Rykov – Tomsky) e a esquerda, a criatura do aparato permanente do PCUS.

Em sua autobiografia, *Minha Vida* (1929), ele esboçou qual era sua visão do mecanismo social-psicológico que tinha convertido alguns revolucionários de 1917 em funcionários deste regime - “a liberação do filisteu em Bolchevique” - e como o desejo das massas insurgentes declinou no rescaldo da Guerra Civil, e como a fadiga e apatia, em conjunto, criaram o período de generalizada “reação social” na URSS. Nos escritos subsequentes sobre as unidades de industrialização de Stálin, Trotsky alarga a noção de facção “Central” para um alcance maior da categoria de *centrismo* Stalínista—argumentando que, enquanto centrismo era um fenômeno inerentemente instável nos países capitalistas, a postura de meio-termo entre reforma e revolução no movimento operário, refletia mudanças das pressões de massa da esquerda para a direita, ou vice-versa; na URSS, isto pode adquirir uma base material durável na burocracia do novo Estado operário. O abrupto zig-zag das políticas de Stálin interna e externamente, do apaziguamento para a guerra-total contra os kulaks, da conciliação de classes para o ultra-esquerdismo na Terceira Internacional, era a expressão lógica deste centrismo característico do seu regime, sujeito a complexa e contraditória pressão das massas sobre ele. O tribunal decisivo destas pressões, contudo, era internacional, não nacional.

As Quatro Teses Fundamentais

A interpretação de Trotsky sobre o estalinismo até agora ainda fragmentária e experimental em muitos aspectos, se tornou sistemática e conclusiva de 1933 em diante. A razão, é claro, era o triunfo do Nazismo na Alemanha, o que convenceu Trotsky de que o Comintern – cuja retificação de linha ele tinha lutado até o último momento – era agora irrecuperável, e com isso a estalinização do próprio PCUS. A decisão de fundar uma nova Internacional foi o impulso imediato de seu engajamento frontal com o problema da natureza do estalinismo que pela primeira vez agora se tornava o objeto direto de interpretação teórica alargada em si, em vez de um problema tratado no curso dos textos discutindo muitas outras questões, como anteriormente.

O problema crucial que fornece quase todos os principais temas do pensamento maduro de Trotsky sobre o stalinismo foram escritos a poucos meses da tomada do poder por Hitler: *A natureza de classe do Estado Soviético* (1933). Aí, ele estabelece as quatro teses fundamentais que

seriam base de sua posição até sua morte. Primeiramente, o papel do stalinismo no país e no exterior tinha que ser distinguido. *Dentro* da URSS, a burocracia stalinista jogava um papel contraditório – se defendendo *simultaneamente* contra a classe operária soviética, da qual usurpou o poder, e contra o mundo burguês, que pretendia acabar com todas as conquistas da Revolução de Outubro e restaurar o capitalismo na Rússia. No mesmo sentido, continuou a agir como uma força “centrista”. *Fora* da URSS, ao contrário, o Comintern estalinizado deixou de desempenhar qualquer papel anti-capitalista, como sua derrota na Alemanha já tinha irrevogavelmente comprovado. Por isso, “o aparato stalinista pode desperdiçar completamente seu sentido como uma força revolucionária internacional, e ainda preservar parte do sentido progressivo como o portador das conquistas sociais da revolução proletária”⁸. Logo em seguida, Trotsky argumentaria que o Comintern desempenhou um papel contrarrevolucionário no mundo político, conciliando capital e retenção do trabalho nos interesses de proteção do monopólio do poder stalinista na Rússia, que estaria ameaçado pelo exemplo de alguma vitória de revolução socialista que criasse uma democracia proletária em outro lugar.

Segundo, na URSS o stalinismo representava o poder do *estrato burocrático*, emergido da e parasitando a classe trabalhadora, não como uma nova *classe*. Este estrato não ocupava um papel estrutural independente no próprio processo de produção, mas derivava seus privilégios econômicos através da poder político de confiscação dos produtores diretos, no âmbito das relações de propriedade nacionalizadas. Terceiro, a administração sobre a qual presidiu, permaneceu tipologicamente um *Estado operário*, precisamente porque estas relações de propriedade – encarnando a expropriação dos expropriadores alcançada em 1917 – persistiu. A identidade e a legitimidade da burocracia como uma “casta” política dependia da sua defesa delas. Com isso, Trotsky descartou duas alternativas mais difundidas do stalinismo no movimento operário nos anos 1930 (as quais emergiram com a Segunda Internacional durante a Guerra Civil) – a que ele representava a forma de “capitalismo de Estado” ou de “coletivismo burocrático”. A ditadura de ferro exercida pela polícia stalinista e pelo aparato burocrático sobre o Soviete de operários não era incompatível com a preservação da natureza proletária deste Estado – não mais do que a ditadura Absolutista sobre a nobreza tinha sido incompatível com a preservação da natureza do estado feudal, ou a ditadura fascista exercida sobre a burguesia era com a preservação da natureza capitalista do estado. A URSS era de fato um Estado operário *degenerado*, mas a ditadura “pura” do proletariado – conformável à sua definição ideal – nunca existiu na União Soviética em primeira instância.

⁸ *The Class nature os The Soviet State*, London 1968, p.4.

Quarto, e finalmente, os marxistas deveriam adotar uma dupla postura em relação ao Estado soviético. Por um lado, não havia agora nenhuma chance do regime stalinista se reformar ou ser reformado pacificamente dentro da URSS. Este poder poderia acabar por uma derrubada revolucionária, destruindo todo seu maquinário de privilégios e repressão, enquanto deixaria intactas as relações sociais de propriedade sobre a qual presidiu – se agora dentro do contexto da democracia operária. Por outro lado, o Estado soviético deveria ser defendido *externamente* contra as constantes ameaças de agressão ou ataque do mundo burguês. Contra esse inimigo, a URSS – encarnando como fez nos ganhos anti-capitalistas de Outubro – precisava da resoluta e incondicional solidariedade dos socialistas revolucionários de toda parte. “Qualquer tendência política que acena sua mão desesperadamente na URSS, sobre o pretexto de seu caráter não proletário, corre o risco de se tornar um instrumento passivo do imperialismo”⁹.

A Revolução Traída

Estas quatro pedra-angulares da descrição de Trotsky do stalinismo permaneceram estáveis até seu assassinato. Nelas ele ergueu o maior edifício de seus estudos da sociedade Soviética sob Stálin: o livro intitulado “*Para onde vai a Rússia?*” (1936: enganosamente traduzido como *A Revolução Traída*). Neste trabalho, Trotsky apresenta um panorâmico exame das estruturas econômicas, políticas, sociais e culturais da URSS em meados dos anos trinta, combinando uma vasta gama de materiais empíricos com uma profunda fundamentação teórica de sua análise do Stalinismo. Todo o fenômeno da repressão da burocracia operaria era agora ancorado na categoria de escassez (nuzhda), básica ao materialismo histórico desde a formulação de Marx na *A Ideologia Alemã*. “A base do poder burocrático é a pobreza da sociedade em objetos de consumo, que resulta na luta de todos contra todos. Quando houver bens suficientes na loja, os compradores podem vir sempre que quiserem. Quando houver poucos bens, os compradores serão compelidos a ficar na fila. Quando as filas forem muito longas, será necessário designar um policial para manter a ordem. Assim é o ponto de partida do poder da burocracia soviética. Ela “sabe” quem vai obter algo e quem terá que esperar”¹⁰. Contudo, enquanto prevaleceu a escassez, as contradições eram inevitáveis entre a socialização das relações de produção e as normas burguesas de distribuição: esta era a contradição que fatalmente produziu e reproduziu o constrangimento do poder da burocracia stalinista.

Trotsky passou a explorar cada lado da contradição, avaliou e enfatizou a grandeza do

⁹ *Ibid*, p. 32.

¹⁰ *The Revolution Betrayed*, New York 1945, p.112.

desenvolvimento industrial soviético, ainda que métodos bárbaros fossem empregados pela burocracia para levá-lo adiante, enquanto ao mesmo tempo meticulosamente expôs a vasta gama de desigualdades econômicas, culturais e sociais geradas pelo Estalinismo fornecendo estimativas estatísticas do tamanho e da distribuição do estrato burocrático na URSS (cerca de 12-15% da população). Esta burocracia traiu a revolução mundial, mesmo se sentindo subjetivamente leal a isso; permaneceu como o inimigo irreconciliável aos olhos do mundo burguês, enquanto o capitalismo não era restaurado na Rússia. A *dinâmica* deste regime era igualmente contraditória: por um lado, o próprio desenvolvimento que havia sido promovido em ritmo alucinante na URSS foi aumentando rapidamente o potencial econômico e cultural da classe trabalhadora soviética, capacitando ela a se levantar contra ele; enquanto, por outro lado, o próprio parasitismo cada vez mais era um impedimento para um ulterior progresso industrial. Mesmo com as espetaculares realizações dos Planos Quinquenais, Trotsky advertia, eles ainda deixaram a *produtividade social do trabalho* bem atrás do capitalismo Ocidental, uma lacuna que não seria nunca fechada até se obter um crescimento *qualitativo*, o que o desgoverno da burocracia precisamente bloqueou.

“O papel progressista da burocracia Soviética coincide com o período consagrado da introdução de muitos importantes elementos da técnica capitalista na União Soviética. O trabalho árduo emprestado, imitado, transplantado e enxertado, era realizado em bases estabelecidas pela revolução. Não havia, até agora, dúvidas de qualquer palavra nova na esfera da técnica, ciência ou arte. Isto foi possível para construir fábricas gigantes de acordo com o padrão banal do comando burocrático – embora, com certeza, com o triplo do custo normal. Mas o mais longe que se ia, mais a economia colidia com problemas de qualidade, que saiam fora das mãos da burocracia como uma sombra. Os produtos soviéticos são como que marcados com o rótulo cinza da indiferença. Sob a economia nacionalizada, qualidade demanda a democracia de produtores e consumidores, com liberdade de crítica e iniciativa”¹¹. A superioridade tecnológica permitiria uma trégua com o imperialismo enquanto o stalinismo insistisse, e garantiria sua vitória em qualquer guerra contra a URSS – a não ser que a revolução no Oeste eclodisse. A tarefa do socialismo Soviético era realizar a revolução *política* contra a burocracia arraigada de antemão, cuja relação com a revolução socioeconômica de 1917 seria como a mudança de poder em 1830 ou 1848 foi para a sublevação de 1789 na França, no ciclo das revoluções burguesas.

Nos dois anos finais de sua vida, como a Segunda Guerra havia começado, Trotsky reiterou suas perspectivas básicas numa série de conclusões polêmicas com Rizzi, Burnham, Schatmsn e outros proponentes da noção de “coletivismo burocrático”. A classe trabalhadora não era de nenhum

¹¹ (*Ibid*, p. 276)

modo congenitamente incapaz de estabelecer seu poder soberano sobre a sociedade. A URSS – “o maior país em transição numa época de transição” – ficava entre capitalismo e socialismo, tomada por um regime policial feroz, que ainda assim defendia em sua própria moda a ditadura do proletariado. Mas a experiência soviética era a “refração excepcional” das leis gerais da transição do capitalismo para o socialismo, em um país atrasado cercado pelo imperialismo – não um tipo modal. O papel contraditório do Stalinismo interna e externamente tinha sido confirmado pela maioria dos episódios recentes da política internacional — sua sabotagem contrarrevolucionária na Revolução Espanhola (além do seu controle) contrastou com a abolição revolucionária da propriedade privada em regiões da fronteira da Polônia e Finlândia, incorporadas por isso na URSS. O dever dos marxistas de defender a União Soviética contra os ataques capitalistas permanecia inalterado. Desilusões e cansaço não eram desculpas para renunciar à perspectiva clássica do materialismo histórico. “Vinte e cinco anos na escala da história, quando é uma questão de profundas mudanças no sistema econômico e cultural, pesam menos que uma hora na vida de um homem. Que bom é o indivíduo que, por causa de falhas empíricas no curso de uma hora ou um dia, renuncia aos objetivos que ele se colocou na base da experiência e análise de todo o seu tempo de vida anterior?”¹²

Uma Reavaliação: Quarenta Anos Depois

Outros quarenta anos depois, ainda estamos parados a algumas horas daquele tempo. Será que essas horas – que subjetivamente parecem tão longas – nos darão razões para questionar os julgamentos básicos de Trotsky? Como devemos avaliar o legado de sua perspectiva global sobre o stalinismo?

O mérito da interpretação de Trotsky, pode-se dizer, é triplo. Primeiro, ele provou a teoria do fenômeno Stalinista numa longa temporalidade histórica, em congruência com as categorias fundamentais do marxismo clássico. Em cada ponto de sua consideração da natureza da burocracia soviética, Trotsky procurou situar na lógica dos sucessivos modos de produção e transição entre eles, em correspondência com o poder de classe e o regime político, aquilo que ele herdou de Marx, Engels ou Lênin. Daí sua insistência que a ótica adequada para definir a relação da burocracia com a classe trabalhadora era a antecedente e análoga relação entre absolutismo e aristocracia, fascismo e burguesia; assim como o precedente relevante para uma futura derrubada seria a ascensão política tal como aquelas de 1830 ou 1848, em vez de um novo 1789. Pois ele pode pensar o surgimento e a

¹² *In Defense of Marxism*, New York 1965, p. 15.

consolidação do Stalinismo num intervalo de tempo histórico deste personagem de época, evitando explicações de jornalismo apressado e confecções improvisadas sobre novas classes ou modos de produção, desamparadas do materialismo histórico, que marcou a reação de muitos de seus contemporâneos.

Segundo, a riqueza sociológica e a penetração de suas avaliações na URSS sob Stalin não tinha semelhança na literatura da Esquerda sobre o assunto. *Aonde vai a Rússia?* continua a ser uma obra-prima tópica até os dias de hoje, pelo lado do qual os artigos coletados de Schachtman ou Kautsky, os livros de Burnham ou Rizzi, ou Cliff, aparecem surpreendentemente datados. Os principais avanços na análise empírica detalhada da URSS desde o tempo de Trotsky, em grande parte, vem de estudiosos profissionais que trabalhavam em instituições Soviéticas depois da Segunda Guerra Mundial: Nove, Rigby, Carr, Davies, Hough, Lane e outros. Suas descobertas têm essencialmente desenvolvido os relatos de Trotsky, em vez de contradizer, proporcionando-nos muito maior conhecimento das estruturas internas da economia Soviética e da burocracia Soviética, mas sem uma teoria integrada, como a de Trotsky. O grande trabalho histórico sobre o destino da Revolução, os escritos de Issac Deutscher, foi composto em profunda continuidade com este legado.

Terceiro, a interpretação de Trotsky sobre o Stalinismo foi notável pelo seu balanço *político* – a sua recusa de qualquer adulação ou cominação, para uma estimativa sóbria da contradição natural e dinâmica do regime burocrático na URSS. No tempo de vida de Trotsky esta era uma atitude incomum na Esquerda, em meio ao intoxicado entusiasmo não apenas dos Partidos Comunistas, mas de tantos outros observadores da ordem stalinista na Rússia. Hoje, está é a última atitude mais incomum, em meio a acalorada denúncia não apenas por tantos observadores na Esquerda, mas também com certos partidos Comunistas de experiência soviética. Há pouca dúvida da firme insistência de Trotsky – tão fora de moda nos últimos anos, mesmo entre muitos de seus seguidores – que a URSS era em última instância um Estado operário que era a chave deste equilíbrio. Aqueles que rejeitaram esta classificação por conta da noção de “Estado capitalista” ou “coletivismo burocrático” foram invariavelmente deixados com dificuldades de definir a atitude política para a entidade que tinham assim categorizado. Pois, se uma coisa era evidente sobre “Estado capitalista” ou “coletivismo burocrático” na Rússia, era que ele não tinha nenhum vestígio de liberdades democráticas para ser considerado como “capitalismo privado” no Ocidente. Não deveriam, portanto, os socialistas apoiar este último em um conflito entre os dois, o menor – porque não totalitário – dos males? A lógica dessas interpretações, em outras palavras, sempre tendem em última análise (ainda que individual, exceções menos consistentes) a mudar seus adeptos para a Direita. Kautsky – pai do “capitalismo de Estado” e do “coletivismo burocrático” do mesmo modo

no início dos anos 1920 – é emblemático nesta trajetória; Schachtman terminou sua carreira aplaudindo a guerra dos EUA no Vietnã nos anos 1960. A solidez contrastante e a disciplina da interpretação de Trotsky sobre o Stalinismo tem apenas adquirido alívio retrospectivo das tentativas de repensar o Stalinismo que se seguiram.

As limitações da análise de Trotsky

Ao mesmo tempo, como uma história de julgamento, a teorização de Trotsky sobre o Stalinismo revelaria certos limites depois de sua morte. Quais eram esses? Paradoxalmente, dizem respeito menos ao balanço interno do Estalinismo do que sua recordação externa. Domesticamente, o diagnóstico de Trotsky do motor e da quebra do desenvolvimento econômico Russo, contanto que persistisse o comando da burocracia, provou-se extraordinariamente preciso. Grandes progressos materiais foram registrados na União Soviética em quatro décadas depois de sua morte; mas o trabalho produtivo relevou mais e mais o Calcanhar de Aquiles da economia, como ele previu. Como a época de crescimento expressivo chegou ao fim, planos autoritários ultra-centralizados provaram-se cada vez mais inviáveis para efetivar a transição para um crescimento qualitativo expressivo: a diminuição de uma ameaça de crise entropica para o regime, se não revolvida. A duração da própria burocracia, sobrevivendo bem em decorrência de Stalin, se tornou certamente maior do que Trotsky imaginou em alguns de seus escritos conjunturais; ainda que não tenha sido uma real “longevidade” em termos de tempo histórico que ele falou até o fim de sua vida.

Parte da razão dessa persistência provou ser o verdadeiro estímulo social de setores da classe trabalhadora soviética através dos canais do próprio regime burocrático – o recrutamento de muitos proletários do quadro militar permanente tem sido muitas vezes enfatizado por estudiosos subsequentes (Nove, Ribby, etc.). Outra parte, claro, permaneceu na atomização política e no deslumbramento cultural da classe trabalhadora muito alargada que surgiu durante os anos 1930 — foi a falta de memória pré-stalinista, que Trotsky subestimou. Mas em geral, o retrato da sociedade Russa que ele desenhou por quase metade do século, permanece espantosamente preciso e contemporâneo de sua visão ainda hoje.

No exterior, portanto, o diagnóstico de Trotsky sobre o Stalinismo provou mais falível. Havia duas razões para esta discrepância em seus prognósticos. Primeiro, ele errou em qualificar o papel externo da burocracia soviética como simples e unilateralmente “Contrarrevolucionário” - enquanto o teor de fato era provar profundamente que era *contraditória* em suas ações e efeitos externos, tanto como era internamente. Segundo, ele estava equivocado em pensar que o Stalinismo

representava meramente uma “excepcional” ou “aberrante” refração das leis gerais da transição do capitalismo para o socialismo, que estariam confinadas à própria Rússia. As estruturas do poder burocrático e a mobilização pioneira sobre Stalin, provaram ser ambas tanto mais *dinâmicas* e um fenômeno *geral* num plano internacional do que Trotsky nunca imaginou. Ele terminou sua vida prevendo que a URSS seria derrotada na guerra com o Imperialismo, a não ser que a revolução eclodisse no Ocidente. De fato, para todos os erros criminosos de Stálin, o Exército Vermelho jogou para trás a Wehrmacht e marchou vitorioso para Berlim, sem a ajuda de uma revolução no Ocidente. O fascismo europeu foi essencialmente destruído pela União Soviética (242 divisões Alemãs foram implantadas no front ocidental, para meras 22 no primeiro front ocidental na Itália). O capitalismo foi abolido em mais da metade do Continente, por decreto burocrático vindo de cima – as operações polonesas e finlandesas foram estendidas até o Elba. Depois disso, comandou as massas no seu assalto ao poder. Os Estados foram criados para ser manifestamente cognatos (não se assemelhando: por afinidade) com a URSS, em seu sistema político básico. O estalinismo em outras palavras, provou ser não apenas um aparato, mas um movimento – capaz não apenas de continuar no poder em um ambiente atrasado dominado pela escassez (URSS); mas de poder realmente ganhar em ambientes que eram ainda mais atrasados e destituídos (China, Vietnam) – de expropriação da burguesia e o começo de um lento trabalho de construção do socialismo, mesmo contra a vontade do próprio Stalin. Com isso, uma das equações nas interpretações de Trotsky, sem dúvida, caiu. O Stalinismo como um amplo fenômeno – que é, estado operário regido por um autoritário estrato burocrático – não se limitou a representar a *degeneração* a partir de um estado de privilégio (relativo) de classe, podendo ser também uma *geração* espontânea produzida pelas forças da classe revolucionária numa sociedade verdadeiramente atrasada, sem a tradição de qualquer democracia burguesa ou proletária. Esta possibilidade – cuja realização transformou o mapa do mundo depois de 1945 – nunca foi prevista por Trotsky.

Estalinismo hoje

Nesses dois aspectos críticos, portanto, a interpretação de Trotsky sobre o Stalinismo encontrou seus limites. Mas eles permanecem consoantes com a ênfase de sua temática central – a natureza contraditória do Estalinismo de uma só vez hostil à propriedade capitalista e à liberdade proletária. Seu erro foi, ironicamente, pensar apenas que esta contradição poderia confinar a própria URSS: enquanto que o Stalinismo em Um Só País foi provar a contradição em termos. Ao apontar as maneiras pelas quais o Stalinismo continuou a agir como um “fator revolucionário internacional” aqui, isso não deveria ser necessário para recuperar simultaneamente os caminhos pelos quais ele

também continuou a agir como um fator *reacionário* internacional. Cada ganho imprevisível tinha um preço incalculável. A multiplicação dos estados operários burocratizados, cada um com seu próprio regional egoísmo sacro, tinha inexoravelmente levado a econômicos, políticos e, agora mesmo, armados conflitos entre eles. A defesa militar da URSS podia se estender para as revoluções socialistas ou forças nacionais de libertação no Terceiro Mundo, aumentando também objetivamente o perigo de uma guerra nuclear global. A abolição do capitalismo no Leste Europeu desencadeou a fúria de nacionalistas contra a Rússia, que tinham, por sua vez, respondido às aspirações populares na região com as mais puras séries de intervenções reacionárias externas, repressivas e agressivas, da burocracia soviética em qualquer lugar do mundo. Checoslováquia e Polônia são alguns dos mais recentes exemplos.

Apesar de tudo, enquanto o modelo básico do Stalinismo de transição para além do capital propagou seu próprio sucesso em todas as zonas atrasadas da Eurásia, uma grande extensão geográfica e prolongamento temporal – completada com a loucura repetida na Yezhovschina na “Revolução Cultural”, e na “Kampuchea Democrática” - manchou profundamente a verdadeira ideia de socialismo no Ocidente avançado, a sua negação absoluta da democracia proletária, inibindo a classe trabalhadora a partir de um assalto ao capitalismo dentro das estruturas da democracia burguesa, e assim *fortalecendo* de forma decisiva os bastiões do imperialismo no final do século XX. *Rien ne se perd*, infelizmente. Ainda temos que acertar contas com a ameaça permanente do “campo socialista” que atuou como acelerador decisivo da descolonização burguesa na África e na Ásia na época do pós-guerra. Sem o Segundo Mundo de 1940 e 1950, não teria havido o Terceiro Mundo nos anos 1960. As duas maiores formas de progresso registradas dentro do mundo capitalista nos últimos cinquenta anos – a derrota do fascismo, e o fim do colonialismo – foram diretamente dependentes da presença e da performance da política internacional da URSS. Neste sentido, pode-se argumentar que, paradoxalmente, as classes exploradas *fora* da União Soviética podem ter se beneficiado mais diretamente da sua existência, do que a classe trabalhadora dentro da União Soviética: numa escala histórico-mundial os custos foram internos, e os ganhos externos.

No entanto, certamente esses efeitos foram em grande parte processos objetivos e involuntários, em vez de produtos da intenção consciente da burocracia Soviética (até mesmo a destruição do fascismo, que não fazia parte dos planos de Stálin em 1940). Eles testemunham, no entanto, a lógica contraditória do “estado operário degenerado” - colossalmente distorcido, ainda assim persistentemente anti-capitalista – os quais Trotsky erroneamente suspendeu nos postos de fronteiras Soviéticas. Até o final dos anos 1960, a URSS nunca tinha conseguido algo parecido com

a paridade estratégica com o imperialismo, que ele tinha pensado ser impossível sob o poder burocrático, e com isso provou ser capaz de estender a ajuda econômica e militar para a revolução socialista e para movimentos de libertação nacional externos – assegurando a sobrevivência da Revolução Cubana, permitindo a vitória da Revolução Vietname, protegendo a existência da Revolução Angolana. Tais ações totalmente conscientes e deliberadas – em contraste diametral com as opções de Stalin na Espanha, Iugoslávia ou Grécia – foram precisamente aquelas que Trotsky tinha descartado para a União Soviética, quando ele pronunciava elas como uma força inequívoca e ubiquamente contrarrevolucionária além das suas fronteiras.

A segunda desconformidade da interpretação de Trotsky foi mais radical. Para ele, Stalinismo era essencialmente um *aparato burocrático*, emergido sobre uma classe trabalhadora quebrada, em nome do mito do “reformismo nacional” do Socialismo num Só País. Os partidos externos do Comintern, depois de 1933, ele julgou serem simplesmente instrumentos subordinados do PCUS, incapazes de fazer a revolução socialista em seus próprios países, pois fazer isso seria agir contra as diretivas de Stalin. O máximo que ele concedia era que – em casos absolutamente excepcionais – as massas insurgentes poderiam *obrigar* os partidos a tomar o poder, contra sua própria vontade. Ao mesmo tempo, ele olhou para frente, acima de tudo para o Ocidente industrializado como o teatro do sucesso dos avanços socialistas, inspirados nos partidos anti-stalinistas, na esteira da Segunda Guerra Mundial. De fato, como nós sabemos, a história tomou outro rumo. A revolução se espalhou, mas para trás das regiões da Ásia e dos Balcãs. Além disso, essas revoluções foram uniformemente organizadas e lideradas pelos partidos Comunistas locais professando lealdade à Stálin – Chineses, Vietnameses, Iugoslavos, Albaneses – e modelaram suas estruturas internas no PCUS. Longe de serem passivamente movidos pelas massas de seus países, esses partidos ativamente e verticalmente mobilizaram o imenso novelo de consequências e conexões internacionais, progressivas e regressivas, revolucionárias e contrarrevolucionárias, que seguiram desde os fatos que vitimaram a Revolução de Outubro, que deram razão ao fenômeno do que nós podemos continuar a chamar hoje de Stalinismo.

RECEBIDO EM 25-10-2015

APROVADO EM 25-03-2016